



## Vida e trabalho de Raimon Panikkar<sup>1</sup>

Milena Carrara Pavan\*

Sinto-me muito honrada e grata por poder estar aqui para celebrar o centenário de Raimon Panikkar, e, em nome da Fundació Vivarium R. P, eu estou contente de oferecer a esta Universidade toda a série de obras completas de Panikkar, na esperança de que muitos alunos leiam, estudem e trabalhem nelas.

Falarei sobre sua vida e seu trabalho ou, podemos dizer, de sua peregrinação filosófica/espiritual.

Vou começar com o seu **Trabalho** Embora não possamos separá-lo de seu caminho espiritual

Inicialmente, Panikkar é considerado um dos filósofos mais importantes, mas aqueles que estavam próximos sabiam que sua intelectualidade era um véu para encobrir sua espiritualidade.

A decisão de publicar a coleção de seus escritos não foi fácil para Panikkar. Mais de uma vez ele teve que superar a "tentação" de abandonar a tentativa, argumentando que, embora subscrevendo o provérbio latino de *Scripta Manent*, também acreditava firmemente que o que realmente importa é viver a vida... "os grandes mestres, Pitágoras, Sócrates, Buda, Jesus, realmente não escreveram uma única palavra, exceto nos corações de seus discípulos", costumava dizer.

Foi um trabalho de anos, juntamente com o autor, para recopiar e organizar sistematicamente seus escritos, que incluem não só todos os seus livros, mas também os artigos mais importantes que ajudam a dar uma ideia mais completa de seu pensamento. Este trabalho envolveu a seleção e classificação de seus textos em diferentes temas e às vezes também editá-los e atualizá-los, porque muitas vezes sentiu o desejo de mudar ou acrescentar alguma coisa. O trabalho nos levou a elaborar o esboço geral da Obra, que consistia de cerca de vinte livros, cada um com

---

<sup>1</sup> Conferência de abertura, à qual se seguiu a apresentação de um vídeo/entrevista sobre a vida de Panikkar.

\* Milena Carrara é doutora em língua e literatura estrangeira. Dedicou-se há anos ao estudo do pensamento de Raimon Panikkar, de quem se tornou colaboradora. Traduziu e editou muitas das obras de Panikkar, tendo desenhado com o autor o plano editorial a *Opera Omnia Raimon Panikkar*. É coautora, com Raimon Panikkar, de *Pelegrinatge al Kailasa* (Pòrtic, 2009). É presidente da Fundació Vivarium Raimon Panikkar. Coordena o projeto inter-religioso "O espírito da religião", que era dirigido por Panikkar, no qual se dão testemunhos de diversas tradições religiosas. É autora da introdução do livro *¿Hablamos del mismo Dios?* (2018), un diálogo de Raimon Panikkar y Pinchas Lapide.



uma introdução pelo próprio autor. Ele conseguiu ver apenas três destes em forma impressa. Deixou-me a tarefa de continuar e completar o trabalho, junto com instruções sobre como proceder.

Apoia-me nesta tarefa árdua a Fundació Vivarium Raimon Panikkar, que continua com o trabalho do centro de estudos interculturais, cujo fundador e força motriz foi Panikkar.

Vivarium herdou o trabalho intelectual de Panikkar, com a tarefa específica de publicar e divulgar o seu pensamento no mundo e é o detentor de todos os seus direitos intelectuais.

Até o momento presente (2018) Jaca Book publicou catorze livros em Italiano (a versão original), seguido por versões em outras línguas (Catalão, francês, inglês e espanhol) e espero completar a publicação nos próximos dois/três anos.

Podemos dizer, portanto, que o projeto para divulgar a filosofia de Raimon em todo o mundo está em andamento e a Fundação Vivarium Raimon Panikkar e eu, como Presidente da Fundação e colaboradora próxima de Panikkar neste grande trabalho, estamos extremamente satisfeitos com o que até agora foi alcançado e planejado para o futuro.

Deixe-me dizer algumas palavras sobre o conteúdo da *Opera Omnia* e como está estruturada.

Cada volume é enriquecido com uma introdução do autor, alguns dos quais são novos e outros são escritos reeditados para apresentar o tema de um volume.

É fascinante ver como em cada volume, aparentemente sobre os temas mais variados, a vida de seu autor é sempre refletida em sua visão mística da realidade.

Os escritos de Panikkar, cobrindo um período de cerca de 70 anos, não se originam de mera especulação. Eles são autobiográficos na natureza, não no sentido de que eles relatam os acontecimentos de sua vida, mas são um mapa de sua jornada, inspirado pela vida e pela práxis, e só mais tarde moldado em uma escrita. A sequência deu prevalência ao assunto em vez da ordem cronológica. A *Opera Omnia* de Panikkar não quer ser uma mera coleção organizada com rigor filológico, mas fundamentalmente o desenho, a organização do que o autor pretendia propor novamente para o leitor, o trabalho que ele próprio oferece como fruto de sua vida madura.

Portanto, vou seguir o itinerário de sua viagem de acordo com os títulos dos volumes como eles aparecem no esquema da estrutura, comentando sua breve autobiografia: uma visão geral da vida e do pensamento de Panikkar, adicionando em estilo de sutra (típico de Panikkar), uma frase que capta a essência do significado de acordo com o autor:

***Eu fui atraído pela espiritualidade desde minha juventude***



- Vol I. *Misticismo e espiritualidade*: O tema mais importante na vida do autor, que sutilmente inspirou todos os seus escritos, tornou-se assim uma chave hermenêutica indispensável de todas as suas intuições intelectuais.

- A mística é a experiência integral e exultante da Vida, que sentimos batendo em nós e que é cada vez mais manifestada em Panikkar Como *Sat* (Ser), *Cit* (consciência) e *Ananda* (felicidade), equivalente para ele à experiência Crística, a que todos nós somos convidados e que não é exclusivo para alguns escolhidos.

***Aproximei-me do estudo das religiões***

Vol. II. *Religião e Religiões*: Religião entendida como a abertura constitutiva do homem ao mistério da vida e o caminho para a realização ou salvação, enquanto no plural indica as várias tradições religiosas.

***Primeiro examinando em profundidade a religião em que nasci e cresci, o cristianismo.***

Vol. III. *Cristianismo* Que abraça o Críandade (uma civilização), o Cristianismo (uma religião) e a "Cristiania" (uma religiosidade pessoal não individualista) para alcançar uma Cristofania (manifestação de Cristo, ícone de toda a realidade: todo ser é uma Cristofania, mas precisa se conscientizar disso).

***Então eu descobri a religião do meu pai, o Hinduísmo,***

Vol. IV. *Hinduísmo*, cuja riqueza descobrirá Panikkar como adulto durante sua longa estadia na Índia, que irá levá-lo a escrever sua antologia *Os Vedas: Mantramanjari*: dir-se-á de Panikkar que apenas um Rishi (um vidente) poderia realizar a árdua tarefa de tornar acessível às gentes de hoje a sabedoria alcançada pelo homem no passado, quando vivia na consciência da Realidade.

***E depois fiquei fascinado pelo Budismo, sem deixar de ser fiel às minhas origens cristãs.***

Vol. V. *Budismo*. Como poderia Panikkar não ser fascinado pela análise sutil da mente e da consequente busca espiritual budista, que assume a forma de uma libertação através da experiência integral da realidade em todos os aspectos da vida, consciente, porém, de sua inefabilidade.

***Com esta reserva de experiências e conhecimento, me abri espontaneamente ao diálogo com as diferentes culturas e religiões, sendo que eu já tinha experimentado esta abertura internamente. O fato é que alguém não pode descobrir a verdade de outra religião se não a "viveu" profundamente de dentro.***

Vol. VI. *Culturas e religiões em diálogo*: O encontro profundo com outras culturas e religiões, sem o obstáculo de padrões pré-fabricados, levará a Panikkar á sua visão de "pluralismo"



e a "relatividade" que suprime qualquer tipo de afirmação absolutista e tem sua base na diversidade e na variedade radical da própria realidade.

*Este diálogo religioso foi realizado principalmente entre as duas religiões de que eu sou feito: Cristianismo e Hinduísmo.*

Vol. VII. *Cristianismo e hinduísmo*: Como os irmãos que se reúnem após séculos de separação e tentam compartilhar suas experiências, os hindus e os cristãos veem o fim da vida nos termos da pessoa humana completa e realizada.

Panikkar espera que sua reunião possa criar uma fertilização cruzada para ambos.

*Eu vim para a formulação da minha visão da Realidade, a que eu chamei cosmoteândrica, através de um reelaboração da Trindade que eu acredito que está no coração do cristianismo.*

Vol. VIII. *Visão Trinitária e cosmoteândrica: Deus-homem-Cosmos*. A realidade consiste em três dimensões em constante relação Inter-in-dependente entre si : Deus-Homem-Cosmos que, tomadas separadamente, são simples abstrações da nossa mente.

*Para comunicar aos outros o que não pode ser descrito diretamente, eu usei o mito, o símbolo e o culto, que estão na base de cada fé, ao desenvolver a sua hermenêutica.*

Vol. IX. *Mito, símbolo e ritual*, três maneiras através das quais o homem se abre para o mistério da realidade, um véu triplo que não impede a visão da realidade, mas apenas reconhecendo-o como tal, podemos ver.

*Eu sempre fui atraído pela filosofia como um amor à verdade e ao mistério.*

Vol. X. *Filosofia e teologia*. A separação entre filosofia e teologia é, de acordo com Panikkar, fatal para ambas. A mãe de Panikkar definiu-o como um "filósofo apaixonado" e, de fato, sua paixão pela filosofia não só como "o amor da sabedoria", mas também como "sabedoria do amor" foi o tema de toda a sua vida.

A realidade não pode ser compreendida somente por uma das faculdades do homem ou em uma de suas dimensões. A filosofia exige total participação, ou seja, a filosofia como um modo de vida: "só quando você é você mesmo, seu ser puro, você vai entender as coisas como elas são", disse um mestre zen e Panikkar repete.

*Como eu não queria me retirar para um mundo de especulação abstrata, eu me abri para a vida que me rodeava em toda sua fisicalidade e descobri que, longe de ser profano, é sagrado. Esta experiência deu origem ao meu interesse pela questão da secularidade.*



Vol. XI. *Secularidade sagrada*: Entendida como experiência da relação intrínseca entre as duas dimensões da realidade no próprio homem, o ponto de convergência entre o céu e a terra, ultrapassando a divisão entre o secular e o religioso.

Vol. XII. *Espaço, tempo e ciência*: Nós não vivemos em um tempo e espaço: nós somos tempo e espaço. O tempo não é o envoltório externo dos seres, mas uma dimensão constitutiva e específica de cada ser que o é enquanto "persiste", e "persiste" precisamente na medida em que é este ser específico e não outra coisa.

A ciência e a tecnologia, nascidas na cultura ocidental, levaram a grandes conquistas, mas a mentalidade científica ameaça impedir o verdadeiro conhecimento da realidade, que é multicolor, e a visão monocromática da ciência moderna não tem validade universal.

### **Sua vida**

Vou ser muito breve, porque através da entrevista que estamos prestes a projetar, Panikkar vai contar a sua vida e, através de sua voz, seu sorriso e sua emoção, poderão captar sua verdadeira identidade.

Raimon Panikkar repetidamente enfatizou a diferença entre *Identidade e identificação*, dois conceitos que, embora inseparáveis, não são os mesmos. A diferença entre os dois é a mesma que existe entre o *Que* objetivo físico, burocrático de um indivíduo e o *Quem* de uma pessoa, sua realidade mais profunda.

A "identificação" é constituída pelos dados que podem ser encontrados em uma biografia ou simplesmente pesquisando na Internet, enquanto para descobrir a "identidade" de uma pessoa, é necessário conhecê-la e amá-la.

Sem dúvida, Panikkar foi um dos grandes pensadores do século XX e do início do XXI. Ele era um filósofo, teólogo, perito em três religiões (cristianismo, hinduísmo e budismo), um pioneiro no diálogo inter-religioso e intercultural, e muito mais. Mas aqueles que o conheciam bem sabem que, acima de tudo, ele era um místico que escondia sua espiritualidade debaixo de um manto intelectual.

Raimon Panikkar Alemany nasceu em 3 de novembro de 1918 em Barcelona, no seio de uma família burguesa, pai indiano e hindu e mãe catalã e católica. Desde tenra idade, ele adotou e aprendeu a cultivar e falar em ambas as tradições religiosas, em que ele sempre se sentia perfeitamente confortável. Ele foi educado pelos jesuítas e foi graduado em 1935 com o Prêmio Extraordinário.



Nos anos 1935 e 1936 estudou na Universidade de ciência e literatura, em Barcelona.

Por causa do surto da guerra civil espanhola e do perigo iminente para sua família, ele foi forçado a fugir com seus irmãos (Mercé, Josep Maria e Salvador) para a Alemanha, onde passou três anos, e continuou seus estudos na Universidade de Bonn.

No verão de 1939, ele empreendeu uma longa viagem de bicicleta pela Suíça e Itália, com a intenção de retornar à Alemanha para completar seus estudos. No entanto, o início da Segunda Guerra Mundial forçou-o a mudar seus planos e voltar para a Espanha.

Pouco tempo depois, em 1940, juntou-se a uma associação juvenil (mais tarde conhecida como Opus Dei) que aspirava a viver plenamente a vida cristã em seu trabalho profissional dentro de uma sociedade devastada pela Guerra Civil e, naquela época, em ruínas. Durante os vinte anos seguintes, permaneceu na Opus Dei como membro oficial.

Em 1941 graduou-se em Ciências pela Universidade de Barcelona, e um ano depois em Letras na Universidade de Madri. Ele então continuou seus estudos em Barcelona, enquanto trabalhava no negócio da família.

Em 1946 ele fez um doutorado em filosofia e letras da Universidade de Madri, e nesse mesmo ano ele foi ordenado sacerdote. Em 1958 obteve outro doutorado, desta vez em Química, mais uma vez pela Universidade de Madri, e em 1961, outro em Teologia pela Pontifícia Universidade de Latrão, de Roma.

No final de 1954, Panikkar deixou a Europa em direção à Índia, em uma missão apostólica e, uma vez lá, deixou a Opus Dei e foi incorporado na diocese de *Varāṇasī*, da qual foi sacerdote até o fim de sua vida.

Ele voltou várias vezes para a Europa e viajou para muitos outros países do mundo.

Entre 1954 e 1967, com exceção de algumas viagens à Itália e outros países, viveu na simplicidade absoluta em dois pequenos quartos no templo de Śiva em Hanumanghat, nas margens do rio Ganges.

Em 1966 ele foi chamado para Harvard como *Professor Visitante e*, de 1971 a 1987, ensinou Filosofia comparada das religiões na Universidade de Califórnia em Santa Bárbara. Ele passava um semestre dando suas aulas nos Estados Unidos e o resto do ano na Índia.

Em 1987, no final de sua carreira acadêmica, ele retornou à Catalunha e estabeleceu sua residência em Tavertet (Osona), uma pequena cidade no pré-Pirineus. Lá ele fundou o centro Vivarium, onde organizou cursos frequentes, seminários e reuniões em torno de temas filosóficos,



religiosos e culturais e onde ele também fez estudos aprofundados sobre diferentes tradições religiosas.

Sua longa e intensa vida terrena terminou em 26 de agosto de 2010, com a idade de 92 anos. Parte de suas cinzas foram enterradas no pequeno cemitério de Tavertet, de acordo com a tradição cristã, e a outra parte foi espalhada nas águas sagradas do rio Ganges, de acordo com a tradição hindu.

A sua formação intelectual entre o Ocidente e o Oriente permitiu-lhe desenvolver o seu trabalho num diálogo constante entre diferentes tradições, ideologias e crenças.

Ele publicou cerca de 70 livros, principalmente em italiano, catalão, espanhol e inglês, muitos dos quais foram traduzidos em muitas outras línguas, juntamente com mais de mil artigos. Ele dirigiu cerca de vinte teses de estudantes de todo o mundo, especialmente durante a sua estadia nos Estados Unidos. Aproximadamente 70 teses de doutorado foram escritas sobre seu pensamento, e agora muitas delas estão na biblioteca da Universidade de Girona, a que Panikkar igualmente doou sua coleção vasta dos livros. Em 1998, começou a publicar a sua *Ópera Omnia*, em italiano, seguido pelas edições catalã, francesa, espanhola e inglesa.

Panikkar ensinou cursos em universidades de todo o mundo e também pronunciou conferências prestigiosas, como a *Série de palestras Warner* e a *Palestras Gifford*. As últimas tornaram-se mais tarde o livro *O Ritmo do Ser*. Contribuiu para o projeto *Clássicos da espiritualidade ocidental* (Nova Iorque), cujos últimos três volumes foram dirigidos por ele.

Além de sua intensa e variada atividade acadêmica, Panikkar foi presidente da Pipal Tree (Bangalore), fundador e diretor do centro de estudos religiosos interculturais (Santa Bárbara, Califórnia), e o centro Vivarium na Catalunha. Em 1960, foi um dos fundadores do movimento internacional de intelectuais católicos – uma organização que trabalhou como consultor das Nações Unidas – cujo objetivo era proteger os direitos e a dignidade de todas as pessoas do mundo. De 1993 ele também foi presidente da sociedade espanhola de Ciências das religiões. Participou de inúmeros colóquios internacionais da UNESCO e de muitas outras instituições acadêmicas. Em duas ocasiões ele foi enviado especial do governo indiano em missões culturais para a América Latina.

Deixem-me agora fazer algumas **Observações pessoais**.

Tive a sorte e o privilégio de estar ao lado de Raimon Panikkar durante os últimos 20 anos de sua vida, passando longos períodos juntos em sua casa de Tavertet, ou na minha casa em Milão e



na Costa Brava, bem como inúmeras viagens/peregrinações para o Tibete, Peru e Índia, a pátria de seu pai.

Inicialmente, a razão foi a tradução de seus livros, que era para mim uma chance de aprender, porque me permitiu discutir as passagens mais destacadas com ele, e isso muitas vezes lhe ofereceu a oportunidade de rever, esclarecer ou aprofundar o seu pensamento.

É bem sabido que Panikkar levou 10 longos anos para escrever sua antologia magnífica *A Experiência Védica*, mas eu precisei de três anos para traduzi-lo em italiano. Graças a isso, no entanto, eu era capaz de descobrir a riqueza da filosofia e espiritualidade hindu. E de forma semelhante, com a tradução e edição de mais uma dúzia de seus livros mais importantes, eu fui capaz de me aprofundar mais em seu pensamento.

Então, passo a passo, quase inadvertidamente, tornei-me sua assistente mais próxima a quem, no final, ele decidiu atribuir a tarefa muito importante e responsável de editar a *Opera Omnia* e torná-la conhecida em todo o mundo.

Por que eu?

Eu me perguntei, e eu perguntei a Raimon, que sabia muito bem que eu preferia dedicar meu tempo à contemplação do que à ação, e às relações humanas ao invés de trabalhar intelectualmente. Sua resposta foi eco de uma pergunta que eu tinha lhe feito vários anos antes: "por que você me escolheu como sua discípula?"

Lembro-me que ele me respondeu com seu sorriso irônico:

"Por três razões. Primeiro de tudo, eu não escolhi você, mas eu te encontrei, para não mencionar o karma ou qualquer outra coisa; em segundo lugar, porque é fácil para as pessoas gostar de você (como aconteceu comigo, disse sorrindo) e, não tendo ambições acadêmicas, você não vai causar inveja; em terceiro lugar, "um vidro quase vazio é mais fácil de preencher", ou seja, não sendo carregado com modelos mais ou menos intelectuais, você se aproximou do meu pensamento com mais frescor, captando-o em profundidade, por isso será mais fácil para você ser fiel ao trabalho de "transmissão" pura.

Esta é a tarefa que estou tentando realizar fielmente.

Também muitas vezes me perguntam o significado desta tarefa para mim.

Nos últimos vinte anos mais ou menos, eu tenho vivido quase submersa nas obras de Panikkar; No entanto, a montagem de cada novo volume é sempre uma nova experiência para mim. Cada vez é como repetir o *pradakshina*, a peregrinação que fizemos juntos em volta do Kailasa, a





montanha sagrada do hinduísmo no Tibete. Enquanto batalhávamos a uma altura de mais de 5.000 metros, fixamos o nosso olhar sobre os picos cobertos de neve no meio do panorama que, em sua maior parte, estava envolto em nuvens que, de tempos em tempos, se abriu para nos dar vislumbres do extraordinariamente belo *Darsana*. Lembro-me que Raimon apontou e gritou "Olha! "com a excitação de uma criança, apesar de seus anos. (era 1994, ele tinha então 76 anos de idade).

Ninguém teve a coragem de escalar o Kailasa até hoje. Metaforicamente, o seu centro não pode ser atingido pelo homem enquanto permanecer "no tempo e no espaço", isto é, na circunferência, mas pode ser vislumbrado. Em todos os seus escritos, em uma variedade de assuntos que vão desde o pluralismo ao mito, a partir do Cristianismo até o Budismo e o Hinduísmo, desde a secularidade sagrada ao diálogo inter-religioso, Raimon sempre nos convida a olhar para a Fonte da Vida, o Centro sagrado, que só será alcançado após a morte do ego e da superação do nosso "mental", ao qual estamos tão amarrados e unidos.

Os escritos de Raimon representam para mim o dedo apontando para o Centro. Não devemos, naturalmente, concentrar a nossa atenção no dedo, mas olhar com os nossos olhos na direção que está apontando. Eu nunca vou esquecer o entusiasmo em suas palavras "Olha, lá está ele!"

Esta é a pedra angular da mensagem que encontramos em seus escritos, simples de entender, mas não tão fácil de implementar.

Agora sua peregrinação na terra acabou. Suas cinzas, parte das quais descansa no cemitério de Tavertet, enterradas de acordo com os ritos cristãos, e parte, depois de receber a bênção hindu e budista em uma última peregrinação à Índia, foram espalhadas no Ganges Sagrado em Varanasi e transportado pela correnteza para o mar, o símbolo da Fonte que ele buscou toda a sua vida .

Termino com uma frase tirada do último caderno, publicado este ano em italiano, espanhol e inglês com o título *A água da gota*.

Raimon Panikkar usou frequentemente a metáfora da "água da gota" para expressar a capacidade ilimitada e universal contida na experiência humana singular: todos nós somos como uma gota que, em sua fragilidade, desvanece-se. No entanto, a água que ela contém nunca irá desaparecer, pois se tornará parte do vasto oceano de existência.

Com a suas palavras:

*“Eu o repeti mil vezes: a Páscoa é a nossa ressurreição. Mas o que a vida de um ressuscitado significa? (...) A vida divina não significa perfeição no sentido grego, mas a Vida, uma*



**SIMPÓSIO INTERNACIONAL  
FILOSOFIA - TEOLOGIA & CIÊNCIAS DA RELIGIÃO**

XIV Simpósio Internacional Filosófico-Teológico (FAJÉ)  
VIII Simpósio Internacional Das Ciências Da Religião (PUC Minas)

Parceiros:

Faculdade Jesuíta  
de Filosofia e Teologia

PUC Minas

**DIÁLOGOS INTER-RELIGIOSO E INTERCULTURAL,  
NO CENTENÁRIO DE RAIMON PANIKKAR  
3 a 5 de outubro de 2018**



*Vida que é Vida e, portanto, não morre: Tempiternidade!”*

*Estou ciente dos meus defeitos, mas não posso negar a experiência da minha Ressurreição.  
Implica minha consciência de viver agora a vida eterna-de ser água e não gota, embora, na  
verdade, continua a ser uma gota*